



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO - BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ERNANDO DOS SANTOS ALVES

**RACISMO E XENOFOBIA NA MÍDIA CEARENSE: UM OLHAR A PARTIR
DA UNILAB EM REDENÇÃO**

Redenção (CE)

2016

ERNANDO DOS SANTOS ALVES

**RACISMO E XENOFOBIA NA MÍDIA CEARENSE: UM OLHAR A PARTIR
DA UNILAB EM REDENÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: **Profa. Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva**

Redenção (CE)

2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

A477r
Alves, Ernando dos Santos.

Racismo e xenofobia na mídia cearense: um olhar a partir Da UNILAB em Redenção. /
Ernando dos Santos Alves. – Redenção, 2016.

47 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras
da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profª. Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva.

Inclui figuras e referências.

1. Racismo - Brasil. I. Título.

CDD 305.800981

ERNANDO DOS SANTOS ALVES

**RACISMO E XENOFOBIA NA MÍDIA CEARENSE: UM OLHAR A PARTIR
DA UNILAB EM REDENÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva - Orientador /Unilab

Prof. Dr. Examinador - Unilab

Prof. Dr. Examinador - Unilab

Dedico este trabalho a minha mãe Lucimar e a meu pai Francisco, a quem devo tudo.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar. ”

Nelson Mandela

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar as pessoas que sempre estiveram ao meu lado, meus irmãos: Edgleison, Fernando, Gleivani e em especial a Gerson alves, o irmão que sempre esteve mais próximo de mim e me ajudou bastante, sem essas pessoas dificilmente teria chegado até aqui.

Agradeço também a minha querida e amada Eliene Campelo, que esteve a meu lado no decorrer dessa pesquisa, tendo paciência comigo e me dando amor, alegria e conselhos, certamente alguém fundamental para que eu superasse vários desafios, aproveito para agradecer também a sua família, que me recebeu e me abraçou em vários finais de semana, momentos descontraídos e de tranquilidade que foram importantes quando estive longe de meus familiares.

A minha orientadora Vera Rodrigues que teve muita paciência comigo e me ajudou bastante na composição desse trabalho, com seu conhecimento e sua dedicação, e ainda por acreditar em mim e na superação das dificuldades dessa pesquisa.

A minha cara Carmen Ariana, que me permitiu um diálogo sobre assuntos tão delicados, e me falou de sua posição em relação as questões presentes nesse trabalho que evoluem a mesma de forma direta.

Aos meus amigos, em especial a meu quase irmão Laudiano Silva que esteve a meu lado durante a escrita desta monografia e me ajudou muito, e a todos aqueles amigos de fora e de dentro da universidade que sempre acreditaram em mim e me incentivaram, agradeço também a meus colegas de orientação com quem tive ótimos diálogos sobre este trabalho.

A todos os professores que me ajudaram a trilhar esse caminho, destacando a professora Cláudia Carioca que me incentivou muito no início dessa pesquisa, e aos demais professores da Unilab por me repassarem conhecimentos de grande importância.

Agradeço ainda aos diversos funcionários da Unilab que nesse período me tornei amigo de vários destes, que fazem parte da base dessa instituição e são fundamentais para que as coisas funcionem no dia a dia.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar os discursos da mídia cearense em que estão presentes as marcas de racismo e xenofobia para perceber como esses preconceitos que são em sua maioria camuflados nos discursos, aparecem de forma explícita nessas mídias ainda no ano de 2016. Para chegarmos a esse ponto é necessário compreender o local de fala, situando o leitor sobre Redenção-Ceará em seguida pensar a herança negra no Ceará, problematizando a associação direta do negro ao escravizado, é indispensável também entender os conceitos de Racismo e xenofobia, para então questionarmos a partir da Unilab, como a mídia apresenta em determinados casos, um discurso preconceituoso que acaba por ser difundido em meio a nossa sociedade, dado o alcance e credibilidade que uma grande parcela da população dá a esse veículo de informação.

Palavras chave: Racismo, Xenofobia, Mídia, Unilab

Abstract

The objective of this work is to analyze the discourses of the media in Ceará where the marks of racism and xenophobia are present to understand how these prejudices, which are mostly camouflaged in the discourses, appear explicitly in these media in 2016. This point is necessary to understand the place of speech, situating the reader on Redemption-Ceará and then thinking about the black inheritance in Ceará, problematizing the Negro direct association with the enslaved, it is also indispensable to understand the concepts of Racism and xenophobia, to then question the From Unilab, as the media presents in certain cases, a biased discourse that ends up being diffused in our society, given the reach and credibility that a large part of the population gives to this vehicle of information.

Keywords: Racism, Xenophobia, Media, Unilab

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- p. 11. Brasil, Ceará e Maciço de Baturité destacando Redenção

Figura 2- p. 14. Museu Senzala Negro Liberto

Figura 3- p. 15. Museu Histórico Memorial da Liberdade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CEARÁ E REDENÇÃO NO CONTEXTO DA ABOLIÇÃO	13
1.1 História e memória de Redenção	13
1.2 A herança negra no Ceará	19
2. RACISMO E XENOFOBIA	23
2.1. Debatendo os conceitos de racismo, preconceito racial, e xenofobia	23
2.2. Discutindo racismo no Brasil	26
2.2.1 Historicidade do racismo brasileiro	27
2.2.2. Racismo “à brasileira”	28
3. RACISMO E XENOFOBIA NA MÍDIA CEARENSE E O PAPEL DA UNILAB NO COMBATE A ESSAS MAZELAS	32
3.1. O impacto da mídia na sociedade atual	32
3.2 O papel da Unilab no Ceará a partir do projeto de integração	33
3.3. Xenofobia e racismo na mídia cearense	34
3.3.1 Xenofobia e racismo na mídia online	35
3.3.2 Xenofobia e racismo na mídia radiofônica	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos na história brasileira se tem disseminado o mito de que existe no país uma *democracia racial*, que supõe uma igualdade e harmonia entre brancos e negros, negando o preconceito existente. Está ligada a essa tese a ideia de que a escravidão no Brasil foi branda. Essas teorias levaram a disseminação do racismo no Brasil, por meio de discursos que hora são camuflados, e hora aparecem de forma clara em discursos de ódio.

Este histórico tem refletido em nossa sociedade atual. No caso dos estudantes internacionais (africanos e timorenses) da Unilab¹ que passaram a residir em Redenção-Ceará esse problema é ainda mais sério por que aparece também a xenofobia atrelada ao racismo. Por tanto neste trabalho abordaremos o modo como o preconceito racial está presente nos discursos midiáticos, onde por vezes esses estudantes são citados, em discursos que estão carregados com ataques xenófobos.

Nesse sentido, o primeiro capítulo deste trabalho incide em uma abordagem sobre o município de Redenção, para compreender de onde se fala, bem como, para que se possa entender o processo abolicionista no município e conseqüentemente (de forma breve) no estado do Ceará, que serão fundamentais para compreendermos a herança negra no estado, negando o mito de que o negro cearense era necessariamente o escravizado no período da escravidão.

Essa discussão possibilita um novo olhar sobre o negro fugindo do preceito de sempre se relacionar diretamente o negro ao escravizado, e por conseguinte negar a presença negra na então Província do Ceará pelo fato de que houve uma menor utilização de escravizados do que em outros estados, por conta de fatores econômicos.

Tendo compreendido as marcas que ficaram após a abolição acreditamos que será mais fácil ao leitor entender um dos fatores fundamentais para as práticas racistas no Brasil, que serão discutidas no segundo capítulo. Também trataremos nesse capítulo a discussão sobre preconceito e discriminação racial, bem como o conceito de xenofobia, sendo que, por vezes estes fatores estão entrelaçados um com o outro.

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira criada sob a lei n° 12.289 de 20 de julho de 2010.

Discutir essas teorias e conceitos será fundamental para que se possa compreender o racismo e a xenofobia na mídia cearense que atinge direta ou indiretamente os alunos internacionais da Unilab em Redenção, buscando compreender de que modo essas mazelas permeiam o dia a dia em sociedade.

No terceiro capítulo iniciamos por uma breve apresentação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) para situar melhor o leitor sobre o local da fala, e também por que a Unilab se manifestou (direta ou indiretamente) em resposta aos discursos racistas e xenófobos apresentados na plataforma online do jornal O Povo e na emissora de rádio Plus Fm.

Teremos como foco então, alguns casos específicos dessas mídias ocorridos no ano de 2016. Esse recorte dentro da mídia cearense foi importante, para nos permitir uma abordagem qualitativa dos dados analisados, já o recorte temporal foi realizado para apresentarmos o racismo e a xenofobia na atualidade, pois, em dia essas duas mazelas da nossa sociedade são bastante camufladas por meio dos discursos, por tanto, se torna necessário apresentar uma discussão de casos recentes.

É importante pontuar ainda que no decorrer dessa monografia será comum se deparar com a palavra internacional ao invés de estrangeiro, quando me referir aos estudantes da Unilab, e isso se dá por que como estudante dessa mesma instituição, me deparo comumente com a palavra internacional, saindo assim da ideia de estrangeiro que entre outros significa estranho. Essa visão parte da vivência em uma universidade que busca integrar estudantes de nacionalidades diferentes e que nos faz olhar melhor para nossos colegas do continente africano e ver que há muitas semelhanças em vários aspectos.

Essa vivência na Unilab bem como no município de Redenção desde o ano de 2014, quando passei a estudar nessa universidade, foi importante na composição dessa pesquisa, e também no sentido de definir um recorte, pois, com o tema racismo me deparei muito anteriormente, mesmo sendo socialmente branco, sou filho de mãe negra e presenciei o racismo por diversas vezes ali bem próximo.

1. CEARÁ E REDENÇÃO NO CONTEXTO DA ABOLIÇÃO

Compreender a história é um exercício necessário para compreendermos o presente, por isso discutimos nesse primeiro capítulo a história do Estado do Ceará, fazendo um recorte para a cidade de Redenção. Debates aqui a presença negra no Estado e também o discurso que a nega. A presença negra na cidade de Redenção é, ou deveria ser, evidente a partir de seu discurso político enquanto primeira cidade a libertar seus escravizados. No entanto a história do pós-abolicionismo é relegada ao quase esquecimento, havendo um grande vácuo na história de Redenção, no que se refere ao futuro dos libertos e suas trajetórias a partir de então.

1.1 História e memória de Redenção

O processo abolicionista que se deu no Brasil em meados do século XIX, culminou na lei áurea que aboliu a escravidão em todo o país em 13 de maio de 1888², data considerada um marco na história brasileira, pois foram anos de luta, em prol dessa causa por parte dos abolicionistas, e temos aqui que reconhecer sua importância, contudo, mais importante foi a luta e a resistência dos escravizados, que foram quem mais deram sangue por essa causa. Em 1883, cerca de 5 anos antes da lei áurea ser assinada pela princesa Isabel, Redenção ainda com o nome de Vila do Acarape foi o primeiro município a libertar os escravizados, por isso o referido município ganhou bastante importância no cenário nacional na época e ficou marcado na história por esse acontecimento.

A comunidade conhecida até então como vila do Acarape, emancipada do município de Baturité no ano de 1968, ficou conhecida oficialmente em 1889 por Redenção, o nome da cidade faz alusão ao seu significado político no contexto abolicionista, Redenção tornara-se a cidade que redimira seus cativos. Redenção é um município localizado na macrorregião de Baturité, no Estado do Ceará. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 Redenção possuía

² LEI Nº 3.353 DE 13 DE MAIO 1888. Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil

26.415 habitantes. Sobre a história do município IBGE (2014) mostra que;

O distrito policial de Acarape foi criado por Ato Provincial de 18 de março de 1942. A freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Acarape, atualmente Redenção, deve sua criação à lei provincial nº 1.242, de 5 de dezembro de 1868. Instituída canonicamente por Provisão de 24 de agosto de 1869.

E continua;

O Acarape lançou no Ceará, no dia 1º de janeiro de 1883 a semente bendita da Redenção, com protesto solene à senzala infame, bradando para todo o Brasil, Nesta terra não há mais escravos, um gesto pioneiro, heróico e entusiasta, que lhe valeu a consagração nacional e a admiração do povo brasileiro, expressas nos designativos com que então o batizaram: Berço das Autoras e Rosal da Liberdade. Em data de 23 de janeiro, a ata de sessão da Câmara registra a solidariedade dos vereadores e a proposta e aprovação de telegrama dirigido pela Comuna ao Imperador D. Pedro II, comunicando-lhe a extinção da Escravatura no município de Acarape.



Figura1: Brasil, Ceará e Maciço de Baturité destacando Redenção

Fonte:

Os abolicionistas tiveram um papel importante no processo de abolição no que concerne as pressões que estes realizavam sobre o governo, e pela difusão dos ideais abolicionistas que culminaram nas leis que levaram ao processo de abolição dos escravizados.

No entanto não podemos cair na armadilha de achar que os abolicionistas, lutavam por essa causa simplesmente por que queriam libertar os escravizados por

bondade, e muito menos que estes foram os únicos protagonistas dessa luta, pois os cativos muito lutaram por sua libertação. No entanto pouco se fala de sua luta ao se falar de abolição, como é o caso do estado do Ceará, onde é comum encontrar trabalhos onde os autores atribuem o processo de libertação dos escravizados apenas a elite abolicionista, talvez porque, foi a mesma elite que tempos depois contou a história desse processo, fazendo desses abolicionistas símbolos do Estado. Por tanto, como nos diz Caxilé “o movimento abolicionista desencadeado pelos membros das libertadoras, principalmente a *Perseverança e Porvir* e a Sociedade Cearense, não foi um movimento de cunho humanitário e filantrópico” (CAXILÉ, 2009. p. 191, Grifos do autor).

Ao se pensar na abolição temos que sempre atentar ao fator econômico, inclusive devemos levar em consideração que as pressões feitas pela Inglaterra foram fundamentais para a criação de leis que fizeram com que o processo escravista no Brasil decaísse. Conseqüentemente, podemos então ver no Ceará reflexos da ideia de que a escravidão seria a certo ponto um atraso para o desenvolvimento econômico do país como o que foi difundido pela Inglaterra. Essa ideia era inserida na sociedade cearense por pessoas da elite local, as quais era comum estudar em países da Europa. Sobre os abolicionistas e seu pensamento econômico, Caxilé afirma que

Os membros das libertadoras cearenses, especialmente da Sociedade Cearense e da *Perseverança e Porvir*, pertenciam ao meio urbano, faziam parte da elite letrada, cujo pressuposto supunha o engajamento nos ideais europeus. Para esses abolicionistas, o fim da escravidão levaria o país ao desenvolvimento social, político e econômico. (Ibidem. p. 189)

E continua

Acreditava-se que a escravidão representava uma violação às leis econômicas, políticas e sociais do mundo contemporâneo. Os membros da sociedade viam a escravidão como um entrave à racionalidade econômica e ao desenvolvimento de uma nação. (Ibidem. P 191)

A província do Ceará tinha um número menor de escravizados do que em outras partes do Brasil, isso por que a atividade econômica do Ceará na época não era propícia a utilização de um alto número de cativos, sendo mais interessante levá-los para outros estados em que se tinham extensas plantações de cacau, café e cana-de-açúcar, onde com maior demanda de trabalho para os cativos, estes atingiam um alto valor comercial. Esse processo acabou por facilitar a libertação de cativos em outros municípios do Ceará.

No que diz respeito a atividade econômica da época, Redenção se diferencia de

outros municípios, sendo à primeira vista, um local propício a utilização de um número maior de cativos, pois, a principal atividade econômica do município no período da escravidão era o cultivo da cana-de-açúcar e um dos principais produtos era a aguardente de cana. Já a economia atual do município se baseia em outros fatores. Sobre isso, Tavares (2011) nos mostra que;

A cana-de-açúcar já foi a base da economia local, daí a necessidade de mão de obra escrava para trabalhar nas fazendas. Na serra do Gurguri, a principal atividade era o cultivo do café, que também demandava trabalho escravo. A fazenda Gurguri e o sítio Guassi são lugares onde o passado ressurgiu nos extensos canaviais, nos casarões com paredes dobradas, engenhos, casas de farinha, capelas e senzalas. (p. 20)

Ainda sobre a economia redencionista, agora falando sobre as atividades econômicas atuais, o autor enfatiza que;

O território de Redenção compreende áreas de serra e semi-árido. Atualmente a agricultura de subsistência se desenvolve nas regiões mais áridas junto com o cultivo do algodão e a fruticultura na região serrana. Algumas indústrias, um comércio ativo e uma rede de serviços completam a atividade econômica municipal. (p. 20)

Atualmente a Economia de Redenção se baseia, em grande parte na produção de frutas, que são em parte, vendidas no comércio local e em maior parcela é vendida nos municípios vizinhos e no Centro de Abastecimento (CEASA). Destacando-se a banana, que corresponde a maior fração da fruticultura local, sendo possível ver vastos bananais nas áreas rurais do município principalmente nas serras onde se tem um clima mais ameno, tomando, em parte, o lugar de extensos canaviais, sobre isso Silva (2004, p. 18) afirma que;

A economia do município de Redenção, após a decadência da cultura da cana de açúcar, que culminou com o fechamento dos engenhos que fabricavam aguardente e da usina de açúcar, voltou-se para o cultivo de banana que tem como seu ponto forte o clima favorável das serras. Praticamente, toda produção de banana do município é escoada para a Central de Abastecimento (CEASA), em Fortaleza.

Mesmo com a queda na produção de derivados da cana-de-açúcar em Redenção, citada por Silva, o engenho da fábrica de cachaça Douradinha, ainda se mantém ativo, no sítio Livramento, onde também se pode encontrar o Museu Senzala Negro Liberto, instituição privada e de enorme importância para salvaguardar a historiografia do período escravocrata, preservando objetos e documentos da época. Sobre isso Tavares (2011) revela que;

Redenção sempre produziu cachaça, uma bebida tipicamente nordestina. Na entrada da cidade o Sítio Livramento abriga uma casa de engenho, alambique e um museu temático. As atividades de fabricação de aguardente e rapadura ainda hoje fazem parte do dia-a-dia de seus habitantes. (p. 20)



Figura 2: Museu Senzala Negro Liberto **Fonte:** foto do autor

O museu Senzala criado em 2003, se destaca por ser um local único, sendo uma senzala sob uma casa grande, algo incomum em outros locais, e como museu, guarda em si uma historiografia que vai além de seu acervo, pois cada elemento da sua estrutura compõe uma parte da historicidade do período escravocrata. É importante citarmos aqui os museus locais por sua contribuição histórica, uma vez que, o museu é “uma manifestação humana, reflexo da vida nas sociedades, das culturas e dos contextos políticos onde estão implantados e, como tal, vivos e mutantes” (GALVÃO, 2011, p. 11).

Além do Museu Senzala, Redenção possui também o Museu Histórico Memorial da Liberdade, que é público e está localizado atualmente no lugar do antigo Paço Municipal na esquina da Rua Bejamin Constante com a Rua Marechal Deodoro, ficando ao lado da Ce-060 na saída para Aracoiaba, porém o museu já esteve em diversos prédios do município, como nos relata Souza (2011, p. 34);

No dia 28 de dezembro de 1997, em solenidade pública, o museu foi inaugurado. Sua primeira casa foi o antigo Centro Administrativo Municipal, atual sede provisória da Unilab. [...] em 1998, o museu foi transferido para o prédio que já fora a sede da Prefeitura e da Câmara dos Vereadores. Lá ficou até 2006, quando por necessidade de estacionamento e de mais espaço, houve nova mudança, desta vez para o antigo Círculo Operários de São Jose, na praça da Matriz, onde se encontra até hoje.

Quando a autora relata, ao final do trecho, que o museu se localiza no lugar do antigo Circulo Operários São Jose, ela se refere ao ano de 2011, contudo, o Museu da Liberdade mudou novamente de local, como já foi citado, para um prédio do antigo Paço Municipal. Esses processos ao qual o museu passou de mudança de localização estão associados à quantidade do acervo e também à qualidade do espaço para o armazenamento dos objetos históricos, assim como por realocações dos espaços municipais. O museu também passa por outras transformações, seu acervo se modifica e revela novos acontecimentos históricos, pois, como enfatiza Galvão (2011, p. 12), “os museus não são sistemas acabados, são sempre um continuo processo de vir a ser. Nunca ficam prontos”.



Figura 3: Museu Histórico Memorial da Liberdade **Fonte:** foto do autor

Os museus locais se constituem como importantes instituições, para compreender a história e preservar a memória de Redenção, outros marcos da abolição que encontramos no município são; o Obelisco, construído na praça da Liberdade em 1933, como homenagem aos 50 anos de libertação dos escravizados, e a Negra nua, grande monumento construído em 1968 visível já na entrada da cidade pela rodovia CE-060 que liga Redenção a Fortaleza.

Para além das instituições, monumentos, objetos e documentos referentes ao período historiográfico escravocrata e pós-escravocrata, é relevante compreender a história oral, no âmbito local, para entender o contexto da época de modo mais categórico. Contudo este trabalho não se detém a esta última forma de saber, tendo em vista a

dificuldade que seria abordar aqui esse conhecimento, para além da problemática já encontrada em levantar as informações citadas. Problemática, que se dá em parte, pela falta de conscientização popular, no que se refere a importância de manter viva a historiografia local, e em parte por conta do monopólio de documentos e de objetos históricos por famílias redencionistas tradicionais.

1.2 A herança negra no Ceará

Para compreender a herança do povo negro no Ceará, é necessário desmistificarmos a associação deste à figura do escravizado, pois os negros que aqui chegaram não se resumiam aos cativos, pelo contrário, o número de escravizados fugidos e de ex-escravizados era bastante expressivo, porém essa associação é comum em alguns discursos proferidos por parte da população cearense, e na tentativa de contribuir para a desconstrução dessa ideia é fundamental compreendermos essa relação. Quando se observa a dinâmica das populações no Ceará no período escravista, se pode perceber que, “a ocupação negra acontece com a chegada de grandes populações, compostas em grande parte de ex-escravizados em fuga, vindas de Pernambuco e Bahia, entrando pela região sul do Ceará conhecida como Cariri” (MENDES, 2010. P. 41).

O estado do Ceará teve uma colonização tardia em relação a outros Estados vizinhos, e por suas características climáticas e geográficas, que não favoreciam a criação de zonas cafeeiras, cacauzeiras e canaviais, como em outros estados, por conta disso, foi utilizado um menor número de escravizados, como mão de obra, em relação a outros estados do sul ou mesmo do nordeste.

Os fatores econômicos foram relevantes para que o Ceará tenha sido a primeira província a libertar seus escravizados, fato ocorrido em 25 de março de 1884. A partir daí começava na referida data, um novo período histórico, mas que levaria consigo as marcas dos mais de 300 anos de escravidão no Brasil, ainda por um longo período de tempo.

Um dos problemas derivados dessa dinâmica, é a negação da presença de uma herança negra no Ceará como um ponto fundante da cultura do Estado. Destacaremos aqui alguns pontos dessa herança e abordaremos algumas formas de negação da presença

negra no Ceará.

As marcas históricas do povo negro no Ceará, são visíveis, porém são questionadas, pois, por um período histórico se manteve uma visão fechada que os únicos negros no Estado eram os escravizados, e depois da abolição, eram tidos simplesmente como descendentes de escravizados, e a sociedade, até certo ponto, negava sua existência, pois tinha uma imagem manchada do negro. Por consequência das teorias evolucionistas, que funcionavam como ferramentas de exclusão política e social, gerou-se uma série de problemas para se debater a influência da cultura negra no Ceará. Sobre esse aspecto, Caminha (2011, p. 27) enfatiza que;

Tratar da cultura negra no Ceará coloca em debate uma série de equívocos que a historiografia até hoje busca elucidar. O fato gerador destes equívocos foi a tese amplamente divulgada de que a escravidão no Ceará foi pouco expressiva e, desta forma, associou-se automaticamente a escravidão ao negro. Tal idéia deixou de lado os frutos da miscigenação, tão indelicadamente tratada por Freire, como os mulatos e os cafuzos, que forma de extrema importância no processo histórico cearense.

E com o passar dos anos a teoria de que não havia presença significativa de negros no Ceará, ecoou em muitos discursos oficiais e cotidianos, apontando que nos Estados vizinhos, como Bahia e Maranhão, que esses sim teriam um número expressivo de afrodescendentes. Nesses Estados há sim um número mais denso de negros em relação ao estado do Ceará, contudo não justifica dizer que os negros não tiveram aqui um papel fundamental, mas escreve Caminha;

Nossa sociedade é [...] marcada por uma ideologia de negação da existência da população de afrodescendentes no Ceará através da afirmação persistente de que não existem negros no Ceará. Percebe-se que o saber construído pelo branco, europeu, ocidental, é constituído por visões de mundo, auto-imagens, estereótipos que colocam um 'olhar imperial' sobre o universo e desta forma, os povos de origem africana, têm sua complexidade e dinâmica cultural ocultadas ou apagadas. Vivemos sob uma construção ideológica que nega a importância do negro na formação histórica do estado. (2011, p. 28)

No entanto, é possível perceber a partir de estudos relacionados a divisão populacional por cor no Estado do Ceará, em meados do século XIX que os números da população negra se diferem bastante dos números da população escravizada, como nos mostra Mendes;

Considerando pretos e mulatos compoendo a população negra cearense, no começo do século XIX tínhamos 56% de negros cearenses. O levantamento realizado cinco anos depois, em 1813, ajuda a desvincular a identidade negra da escrava, verificando que apenas 11,5% da população cearense estava escravizada. (2010, p.42)

Por consequência de estudos e lutas por afirmação, do ser negro, recentemente, em nosso Estado assim como no restante do país, a sociedade vai aceitando de forma lenta, suas raízes africanas atreladas a religiosidade e a diversos costumes presentes em nossa sociedade, como é o caso de alguns festejos, que ganharam ao decorrer do tempo uma certa “brasilidade” (Caminha, 2011, p. 29).

A religiosidade de matriz africana é importante para preservar uma espécie de cosmovisão africana, uma forma mítica que foi e ainda é uma maneira de manter viva as diferentes culturas étnico africanas da forma como estas vieram do continente africano. (Ferreira Sobrinho, 2009 p. 84). A religião de matriz africana que é mais perceptível no estado do Ceará, é o Candomblé oriundo do Congo.

Outro componente cultural oriundo do Congo, presente no estado do Ceará é o Maracatu, um evento festivo, mas que não se encerra nisso, pois traz consigo toda uma historicidade inclusive, segundo alguns estudos havia a presença do Maracatu no estado do Ceará já no Século XIX. O Maracatu assim como a festa do Congo está relacionado aos povos bantos, grupo linguístico oriundo do continente africano e que foram maioria no estado do Ceará (Idem, p. 71).

Manter vivos os costumes e tradições provenientes do continente africano, é uma importante ferramenta identitária e, por assim dizer, política. Se toda existência é política e requer mecanismos de sobrevivência, são nos diálogos e conflitos cotidianos que os costumes e tradições assumem esse caráter. Assim a identidade afro-brasileira manifesta-se a partir de pilares historicamente construídos, ainda que negados em uma história oficial, que segue as teorias do embranquecimento. O Ceará adotou e ainda defende um discurso de negação da presença negra, um discurso que perde força, mas que é ainda evidente por apresentar uma face embranquiçada nos setores públicos, privados, midiáticos, etc.

Compreender a história a partir de outros atores, historicamente deslocados, é um desafio que se põe a nossa frente. Esses deslocamentos funcionam como ferramentas de discurso e poder. Identificar e discutir essas ferramentas é uma forma de compreender uma postura política e social.

Essa compreensão histórica apresentada até aqui será fundamental para compreender as questões, antigas e atuais, relacionadas ao racismo e a xenofobia que

trazemos a seguir, onde discutiremos também preconceito racial, fazendo um percurso acerca do racismo que começa pela criação do termo e leva ao racismo no Brasil.

2. RACISMO E XENOFOBIA

Neste capítulo procuramos mostrar uma breve compreensão do que é racismo, preconceito racial, discriminação racial e xenofobia, para isso abordamos de forma sucinta a historicidade desses termos, relatando seu percurso e o modo como estes conceitos, são discutidos no Brasil. Pois este trabalho se baseia na compreensão de que um sujeito pode ser vítima ao mesmo tempo de variadas formas de discriminação.

2.1. Debatendo os conceitos de racismo, preconceito racial, e xenofobia

Começaremos a descrever esses termos pelo racismo que é o mais discutido historicamente. A criação do termo racismo já possui quase um século, no entanto essa prática é bem mais antiga, pois antes disso já é possível identificar na história a separação de pessoas em grupos, constituídos por supostas “raças”.

Esse termo ainda hoje é utilizado para excluir pessoas de determinados grupos sociais, contudo, nem sempre é usada a palavra racismo para caracterizar um ato de preconceito contra aquele que, em teoria, seria de uma “raça” diferente. Outro problema é que o racismo vem se modificando, e ainda hoje é difícil defini-lo em um modelo fechado. Sobre o conceito de racismo Munanga explica que:

Criado por volta de 1920, o racismo, enquanto conceito e realidade, já foi objeto de diversas leituras e interpretações. Já recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, nem sempre têm um denominador comum. Desse modo quando utilizamos esse conceito em nosso cotidiano, não lhe atribuímos mesmo conteúdo e significado, daí a falta de consenso até na busca de soluções contra o racismo. (2000. p.24)

O racismo, como dito anteriormente, mesmo após alguns anos dessa afirmação de Munanga, ainda é difícil de ser entendido por que varia sua forma e se permeia em meio às sociedades, e justamente pela dificuldade na sua compreensão esse problema é difícil de ser combatido, até mesmo pelo fato de, por vezes, esse ser tido como inexistente em uma sociedade que apenas o esconde em meio a sua diversidade.

No Brasil (como em outros países) mesmo que muitos não vejam, ou finjam não ver, esse problema existe. Esse transtorno é visível quando se olha bem ao redor ou quando alguém se depara com uma situação característica, já que muitas pessoas ainda

tem a ideia de que o racismo precisa ser explícito para ser caracterizado como tal. Quebrando esse paradigma Munanga argumenta que;

Depois da supressão das leis do *apartheid* na África do Sul, não existe mais, em nenhuma parte do mundo, um racismo institucionalizado e explícito. O que significa que os Estados Unidos, a África do Sul e os países da Europa ocidental se encontram todos hoje no mesmo pé de igualdade com o Brasil, caracterizado por um racismo de fato e implícito, às vezes sutil (Idem, p.28).

O preconceito racial é a forma de pré-julgar um indivíduo ou grupo por sua cor ou “raça”, e é mais comum ser notado em pessoas brancas que tem o negro como alguém inferior, mas, assim como o racismo, varia por entre suas formas e o conceito está longe de ser unanimidade nas áreas que falam sobre o tema, como nos mostra Guimarães;

As teorias que procuram compreender o preconceito racial (ou simplesmente o de cor) variam quanto ao objeto a ser explicado. Para a sociologia, o preconceito racial decorre de um modo específico de construir as fronteiras de um grupo social a partir de marcas que são entendidas como raciais (o pertencimento a tal grupo deriva de origem biológica comum, transmitida hereditariamente, e demarcada por características fisionômicas, físicas, cognitivas e morais). Trata-se de explicar, portanto, a construção e reprodução de certos grupos sociais, referidos como ‘raças’, ‘cores’, ‘imigrantes’ ou ‘etnias’, que utilizam tais marcadores para identificar quem pertence ou não a um grupo. Para a psicologia social, ao contrário, a constituição do grupo não é objeto de investigação em si, a questão recai sobre por que, em um mesmo grupo, certos indivíduos e não outros desenvolvem atitudes e comportamentos negativos em relação a membros de outros grupos radicais. (Guimarães, 2008, p.47)

O preconceito se dá em sua maioria na dualidade preto/branco pelo modo como a cor branca foi e é relacionada ao bem e a cor negra ao mal nas religiões de matrizes europeias (que se espalharam pelo mundo), e dada a grande influência dessas religiões no cotidiano das sociedades na contemporaneidade até os dias atuais, essa dualidade ainda se encontra presente em vários discursos na sociedade.

Essa dualidade é encontrada nas religiões de forma clara pela caracterização inicial que os europeus fazem dos negros africanos, quando estes se encontram;

E daí brota uma primeira fonte de sentimento negativo, ou preconceito, pois no simbolismo das cores, no Ocidente cristão, o negro significava a derrota, a morte, o pecado, enquanto o branco significava o sucesso, a pureza e a sabedoria. (Ibidem)

Em decorrência da dualidade é possível se verificar na sociedade desde meados do século XIX até os dias atuais, uma tentativa de branqueamento por parte de indivíduos ou grupos que negam ser negros afirmando serem morenos, no que seria uma tentativa de contornar o preconceito. Esta é uma ideia contrária ao que defende o movimento negro

no mesmo período, que argumenta que uma das formas de reduzir a ofensividade dos xingamentos comuns é se apropriar de termos como negro e mais tarde preto como forma de orgulho. Citando também o conceito de raça Guimarães coloca bem isso dizendo que:

Tanto “raça” quanto “negro” foram palavras que fizeram um completo percurso histórico de reversão de sentido. Usado pelos europeus primeiro, para designar pessoas e povos de cor mais escura “negro”, tornou-se, depois, designação de pessoas e povos de *status* social ou constituição biológica inferior, escravos ou povos submissos; para, num terceiro momento, servir de autodesignação desses mesmos povos em seus movimentos de libertação colonial e de recuperação de auto-estima. (Ibidem)

Por tanto identificar-se como negro hoje, pode ser visto como forma de autoafirmação, em diversos espaços sociais. Já a palavra raça para definir tom de pele, é um equívoco pois a única raça a que pertencemos é a raça humana.

No entanto em nosso cotidiano acontecem ainda casos de discriminação racial, que é a forma pela qual se manifesta o preconceito racial, mas não está atrelada somente a este, podendo aparecer em discursos variados que busquem colocar a cor dos indivíduos de forma hierárquica. Ao falarmos de discriminação racial precisamos ter um certo cuidado, pois, esta sendo uma manifestação prática ela por vezes também é mascarada, inclusive em situações de conflito.

Outra mazela presente em nossa sociedade de forma camuflada é a xenofobia, que é o ato de discriminar alguém por ser de outra nacionalidade, essa forma de atribuir ao outro um papel pejorativo é mais comum quando ele é um não branco, pois, este é mais um reflexo da tentativa de embranquecimento da população brasileira em meados do século XIX. Sobre esse aspecto da nossa sociedade Guimarães explica que:

A compreensão do Pensamento Social Brasileiro com interface no processo de racialização que atravessou o Brasil desde o século XIX, quando foram incentivadas migrações da Europa para cá, dão mostras de se ter forjado um comportamento seletivo e restritivo que orientou as políticas migratórias no País, cujos reflexos perduram ainda posturas discriminatórias contra a população negra que vêm para o Brasil, seja ela do Caribe, seja da África.

Ainda que se possa, a partir de um olhar crítico, perceber bem essa diferenciação no tratamento ao indivíduo estrangeiro dependendo de sua cor, no Brasil a ideia difundida por meio de discursos populares, é que o nosso país recebe bem os estrangeiros de qualquer nacionalidade, que a nossa nação é acolhedora e etc., contudo, percebemos que esse acolhimento é caloroso na chegada de pessoas advindas de países do continente europeu ou de norte-americanos. Já para pessoas advindas de países do chamado “terceiro

mundo”, o povo brasileiro se torna menos receptivo, principalmente quando essas pessoas procuram se estabelecer e são negros.

Podemos então compreender como no Brasil há divergências no processo de imigração, que ao mesmo tempo que discrimina atrelando o racismo a xenofobia, aceita bem aqueles que atendem melhor a ideia de branqueamento ainda presente em nossa sociedade, nesse aspecto o Estado teve um papel fundamental em estabelecer quem são os indivíduos que devem adentrar e se estabelecer em nosso país. Neste sentido Guimarães afirma que:

O Brasil, historicamente, carrega traços seletivos em sua política migratória, adotando esse posicionamento para a recepção de migrantes. Esse processo, antes de ser político, é social, posto que advenha de uma postura que se conforma com o desejo de se ter no País uma paisagem racialmente construída nos moldes europeus, sobretudo quando se observa como se configurou a migração no século XIX e início do seguinte

Essa política de imigração brasileira tem reflexos na sociedade atual, onde se continua buscando uma aproximação com os países da Europa, ainda com um pensamento de que a população imigrante branca viria para trazer progresso enquanto a população negra estaria apenas vindo em busca de oportunidades de emprego.

É por meio desse viés racial que se desenvolve a xenofobia no Brasil, e talvez por isso a xenofobia não seja o tema de muitos trabalhos acadêmicos brasileiros, e que em parte tratam da xenofobia em outros países, onde as leis de imigração são mais rígidas e os casos de xenofobia são mais explícitos, nesse sentido é importante pensar de que forma esse problema se encontra no Brasil, para que possamos ter uma avanço nessa questão, pois assim como o racismo, enquanto a xenofobia se mantém camuflada o combate se torna mais fraco, deixa se de discutir mais amplamente esses temas, e essas mazelas se propagam ainda mais.

2.2. Discutindo racismo no Brasil

Após abordarmos o Racismo de forma geral como um conceito partimos agora par mostrar como este é pensado e verificado no Brasil, buscando mostrar como ele se diferencia do que se observa em outros países e como, justamente por isso ele é mascarado pela sociedade.

2.2.1 Historicidade do racismo brasileiro

Quando se fala sobre racismo no Brasil, é comum que se ouça como resposta que isso é ou foi um problema em outros países. Esse discurso está atrelado ao fato de que no Estados Unidos e na África do Sul se teve em um determinado período histórico uma forma de racismo mais escancarada e muitos tomam como a única forma de racismo a segregação racial. Contudo não devemos nos enganar, escondendo debaixo do tapete aquilo que também conhecemos bem, já que nosso país também já passou por um momento em que havia uma forma mais severa de segregação entre negros e brancos, que se deu durante o período da escravidão, onde, os escravizados trazidos para cá eram negros e os seus senhores eram brancos, e esses senhores defendiam, por conseguinte que os escravizados eram inferiores por serem negros.

Logo essa relação de “inferioridade” do negro em relação ao branco vem de séculos. Mostrando essa forma de transpor o racismo antigo para a atualidade Munanga explica que;

O colonizador legitima seu privilégio pelo trabalho e justifica a nulidade do colonizado pelo ócio. No retrato constará uma inacreditável preguiça, ao contrário do colonizador, que tem um gosto virtuoso pela ação. Este último sugere que o trabalho do colonizado é pouco rentável, o que autoriza os salários insignificantes e a exploração (MUNANGA, 2009, p.34).

Segundo a história contada pelo colonizador os colonizados só trabalhariam no regime de escravidão onde eram forçados a trabalharem do contrário ficariam descansando, e por isso não eram “civilizados” e nem tinham “progresso” como os europeus, que na época tinham como melhor modelo de viver o de seus países. Assim os europeus seriam superiores na força de trabalho e por isso eram superiores na economia, porém, como enfatiza Munanga;

O mito do negro preguiçoso não é real, como demonstra a expressão ‘trabalhar como um negro’, usada pelo próprio branco quando trabalhava muito e duro. Num clima tropical, com calor de 30 a 40 graus, o trabalho começa cedo e termina por volta do meio-dia, uma hora da tarde. Isso é importante, a fim de refazer as energias para o dia seguinte. Nas regiões mais quentes da África, as populações passam as tardes nas aldeias, á sombra das árvores, descansando, comendo e conversando. Essa situação reforçou a falsa imagem do Negro preguiçoso, diante de um branco ocidental, que vive num clima diferente e obedece a um horário convencional, abstrato (Ibdem).

A expressão ‘trabalhar como um negro’ usada pelo autor mostra como os brancos viam a dificuldade do trabalho num clima tropical, nessa expressão podemos

observar a marca do preconceito racial, como se o trabalho duro e por períodos prolongados devesse ser apenas atividade dos negros.

Nesse contexto voltamos à questão da escravidão no Brasil onde os escravos eram forçados a trabalhar desde o começo até o fim do dia, e mesmo com um clima mais ameno em relação a uma dada parte do continente africano, pode se dizer que os cativos estavam postos aqui a condições exaustivas e desumanas. Quando por cansaço ou por que não suportavam, mas essas condições algum escravo não fazia o que o dono ou feitor queria, o mesmo era castigado como se ele fosse naturalmente inferior e por isso devesse trabalhar para os colonizadores, que tinham sempre o discurso de fazerem parte de uma “raça” superior.

Esse comparativo do branco com o negro (tendencioso ao branco colonizador) foi um dos fatores mais importantes para a segregação racial de povos, em alguns países do mundo, e mesmo de forma menos visível o nosso país também faz parte disso.

2.2.2. Racismo “à brasileira”

Olhando para o nosso país hoje, vemos que o racismo está longe de ser extinto, e o mascaramento existente em relação a esse problema faz com que alguns indivíduos, inclusive neguem a existência desse fator negativo em meio à sociedade, seja em grandes centros urbanos ou pequenos municípios, sobre esse fator Schwarcz afirma que;

Em pequenas cidades, costuma se apontar para a existência de atos de racismo apenas nos grandes conglomerados. Mas o contrário também acontece: na visão dos moradores de São Paulo e Rio de Janeiro, é nas pequenas vilas que se concentram os racistas mais radicais (SCHWARCZ, 2010, p.77).

O fato é que os brasileiros em parte negam que são racistas mesmo cometendo atos discriminatórios, e isso até certo ponto se dá pelo fato desse ato ser considerado crime no Brasil segundo a lei do racismo³ e seja repudiado por grande parte da sociedade. Contudo o preconceito é também negado pelos que o sofrem, por medo de represálias ou por traumas e dificuldades em falar de como se sentiram no momento em que passaram

³ Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

por alguma situação de discriminação.

Esse problema de se atribuir o preconceito ao outro, já vem de longa data e continua em nossa sociedade atual, nesse contexto Schwarcz afirma que;

[...] Ninguém nega que haja racismo no Brasil, mas ele é sempre um atributo do 'outro'. Seja da parte de quem preconceitua, seja por parte de quem é preconceituado o difícil é reconhecer a discriminação, e não o ato de discriminar. Além disso, o problema parece se resumir a afirmar oficialmente o preconceito, e não a reconhecê-lo na intimidade. Esse conjunto de argumentos demonstra como estamos diante de um tipo particular de racismo; um racismo sem cara, que se esconde por trás de uma suposta garantia de universalidade das leis e que lança para o terreno do privado o jogo da discriminação. (Ibidem)

Esses argumentos mostram como o “racismo à brasileira” se diferencia do conhecido em outros lugares, por conta de seu formato que alguém pode julgar mais brando, no entanto quando você aproxima o olhar dessa questão, vê que essa forma de racismo é altamente excludente e bem difícil de ser combatida. Mesmo em situações do dia a dia em que para alguns são apenas discussões comuns onde o agressor fala mal da vítima, ele por vezes se utiliza de termos racistas para humilhar o outro, contudo os insultos raciais não acontecem só durante as discussões, pois como afirma Guimarães;

Uma afirmação do senso comum, no Brasil, é a de que o insulto racial ocorre apenas numa situação de conflito, ou seja, de ruptura de uma ordem formal de convivência social. Tal afirmação nada mais é que a consequência do pressuposto de uma ordem igualitária, de respeito aos direitos individuais, resguardada por normas de polidez e formalidade. Na verdade, tal pressuposto, ainda quando aceito idealmente, pode não ser verdadeiro, na prática social. Ademais, o insulto racial pode ocorrer durante o conflito ou pode, ao contrário, ocasionar o conflito (GUIMARÃES, 2002, p. 181).

A falta de conhecimento de uma parte da população brasileira, em nível acadêmico, sobre o preconceito racial tem por efeito a continuidade do mesmo. Porém o problema não é só da população que não procura informação, mas também a acessibilidade que tem essa informação, sendo que esse é um problema que deveria ser pensado pela sociedade brasileira para além dos muros da academia. Porém como afirma Nogueira;

Não obstante acobertar uma forma velada de preconceito, a ideologia brasileira de relações inter-raciais, como parte do ethos nacional, envolve uma valorização ostensiva do igualitarismo racial, constituindo um ponto de referência para a condenação pública de manifestações ostensivas e intencionais de preconceito (NOGUEIRA, 2006, p. 298)

Justamente pelo fato de haver diversas interpretações erradas por parte da

população, que o racismo se mantém camuflado aos olhos de grande parte da nossa sociedade atual, que as vezes finge não enxergar. O problema também se dá por falta de conhecimento sobre o que realmente é o racismo no Brasil, e também por falta de vontade daqueles que governam o país em acabar com essa mácula, e por isso não se criam formas eficazes em nossa sociedade para que esse problema seja resolvido e que possamos ter realmente um país mais igual, em que não seja comum se ver diariamente nos noticiários mortes e mais mortes de jovens negros, que são esquecidas pela grande mídia no dia seguinte.

A partir do que foi discutido sobre a historicidade local e sobre racismo e xenofobia, trataremos a seguir de análises dos discursos racistas e xenófobos, em uma parcela na mídia cearense que demonstram de forma clara que racismo e xenofobia continuam presentes em nossa sociedade, com discursos bastante destrutivos.

3. RACISMO E XENOFOBIA NA MÍDIA CEARENSE E O PAPEL DA UNILAB NO COMBATE A ESSAS MAZELAS

Após a contextualização do local de onde se fala e dos conceitos de Racismo e xenofobia, este capítulo apresenta inicialmente uma abordagem acerca da importância que tem a mídia na sociedade atual, propomos também uma breve introdução à respeito da Unilab para posteriormente discutirmos alguns casos da mídia que envolvem essa instituição direta ou indiretamente.

Essa abordagem sobre o que é a Unilab e o que ela representa, é fundamental, pois, esta instituição é o ponto de partida desse trabalho, e fundamental para as discussões, pois além dos discursos, serão observadas também as respostas dadas pela reitoria e pelos professores da Unilab, aos casos analisados posteriormente, onde se apresenta racismo e xenofobia na mídia cearense. Então para falarmos dessas mazelas na mídia no estado do Ceará, pensamos um recorte bastante atual, por tanto trabalharemos aqui com casos ocorridos em 2016.

3.1. O impacto da mídia na sociedade atual

Para que os leitores compreendam a importância de abordarmos aqui o racismo e a xenofobia com ênfase na mídia, trazemos aqui de forma breve, uma discussão sobre o papel da mídia em nossa sociedade, como esta, representa a opinião da população e como a mídia interfere na opinião dos indivíduos.

Em nossa sociedade atual (globalizada) de troca de informações o tempo todo, a mídia se torna um meio fundamental para levar dados a diversos lugares de nosso país em tempo real. No entanto como a mídia é parcial, ela se torna um instrumento de poder e pode vir a ser utilizada como meio para disseminar as ideias, daqueles que detêm a palavra, para um grande número de pessoas. Neste Sentido, Cruz⁴ propõe que;

No atual momento da história é a “mídia” que tem o potencial de construir socialmente uma agenda pública (agenda-setting) de assuntos, temas, personalidades e fatos sociais além da abordagem (enquadramentos) sobre cada um destes assuntos. (2011, p.36)

⁴ Marcio Cruz, Mestre em Ciências Sociais com ênfase em Ciências Políticas – Pontifícia Universidade Católica/SP

Por tanto a mídia aparece como um meio para que indivíduos ou grupos coloquem para o meio social suas ideias e em virtude do alcance e da credibilidade que esse meio de comunicação possui, ele pode induzir outros indivíduos a pensarem da mesma forma.

Uma parcela fundamental da mídia nesse aspecto é a do jornalismo de opinião, que é caracterizado pela opinião do jornalista sobre determinado fato, por tanto conforme o interesse desse indivíduo a informação pode ter um sentido diferente. Retornaremos ao jornalismo de opinião após situarmos brevemente a Unilab, pois, como abordaremos casos que envolvem essa instituição é importante que o leitor compreenda minimamente o papel dessa universidade que tem uma proposta diferenciada.

3.2 O papel da Unilab no Ceará a partir do projeto de integração

É importante aqui fazermos uma breve abordagem sobre a Unilab em Redenção, por que esta promove a vinda de estudantes de alguns países do continente africano e estudantes do Timor Leste, com isso os olhares racistas e xenófobos se voltam para Unilab e para o município de Redenção, local ao qual a universidade está sediada. A partir daí é interessante pensar qual a importância da Unilab nesse espaço, pensando o seu projeto de integração para além dos muros da universidade.

O papel da Unilab na questão racial é fundamental para fomentar as discussões no ambiente em que esta instituição se encontra, no entanto podemos perceber que há muitas barreiras a serem ultrapassadas e que talvez ainda se leve muito tempo, para que possamos conseguir que a sociedade ao nosso redor possa compreender melhor as questões do racismo e da xenofobia em nosso meio, qual o seu impacto e conseqüentemente começar a deixar de propagar essas mazelas e auxiliar no combate a esse mal da nossa sociedade.

Para abordar melhor o que é a Unilab, temos que partir do seu início, entender um pouco de criação dessa Universidade que busca além da interiorização do Ensino superior, a Integração dos Países de Língua portuguesa (CPLP): Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor –Leste.

A Unilab criada em 2010 na gestão do então presidente Luiz Inácio Lula da

Silva, nasce com a proposta de cooperação sul-sul ao mesmo tempo que se instala no interior do estado do Ceará e no interior da Bahia, buscando trazer desenvolvimento para essas regiões, é importante ressaltar que o foco aqui é a sede da Universidade situada em Redenção no campus liberdade.

A partir da cooperação internacional e da interiorização, a Unilab por meio da Pró-reitora de Extensão, Arte e Cultura (PROEXT) promove diversas atividades culturais que visam integrar a não só os estudantes brasileiros e internacionais, mas também a comunidade do entorno da universidade. No entanto essa integração é mal vista por aqueles que desconhecem o projeto da Unilab e o seu dia-a-dia.

É interessante então abrir um parêntese para citar um caso recente onde a imagem da Unilab é difamada pelo Jornalista Marco Antonio Villa⁵ em um programa⁶ da Jovem Pan, no entanto, não nos aprofundaremos nesse caso por destoar em alguns pontos da proposta dessa pesquisa, contudo este fato diz respeito a uma imagem negativa da Unilab que foi difundida em um programa com alcance nacional atualmente e que causou um grande incomodo dentro da comunidade acadêmica.

Em sua fala o jornalista critica a proposta de integração da Unilab, entre Recôncavo Baiano, Maciço de Baturité, continente africano e o Timor Leste, citando que estes não teriam relações, no entanto a proposta da Unilab como já citado é de integrar esses países que tem o português como idioma oficial. Ele critica também outras disciplinas relacionada a matriz africana, o que demonstra um desconhecimento, e uma intenção política de deslegitimar a Unilab.

Podemos compreender então que esse discurso, por um lado busca difamar a imagem da Unilab, mas, por outro lado nos faz perceber como é ainda maior a importância da Unilab no sentido de desconstruir alguns preconceitos em relação a cultura afro-brasileira, e criar um pensamento crítico descolonizador.

3.3. Xenofobia e racismo na mídia cearense

⁵ Marco Antonio Villa, é historiador, escritor, comentarista político da Jovem Pan e da Tv Cultura.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=M2UaAEWKE-s>

Antes de abordar Racismo e Xenofobia na mídia cearense, é preciso entender a importância do discurso jornalístico na formação de opinião na sociedade pelo seu enorme alcance populacional e por ser uma forma ampla de difusão de ideias, sendo assim podemos pensar a partir de então a mídia como um meio significativo para essa questão, pois, ao mesmo tempo que a mídia representa as ideias de uma dada parcela da população ela também ajuda a formar opinião, sobre essa difusão de pensamentos racistas, Sodré(1999) afirma que:

Os discursos sociais – manuais escolares, diálogos socializantes (pais/filhos, professores/estudantes), programas de radiodifusão, textos jornalísticos, pronunciamentos parlamentares, etc. – desempenham um papel central tanto na produção quanto na reprodução do preconceito e do racismo. Desses discursos provêm os modelos cognitivos e as atitudes relativos as minorias de qualquer natureza, especialmente os negros na sociedade “clara” do ocidente. (p. 242)

Para abordarmos racismo e xenofobia nos deteremos aqui a dois casos específicos, o primeiro um artigo publicado na plataforma digital do jornal O povo e também os discursos proferidos no programa Ceará news 7 da emissora de rádio Plus Fm. Apresentamos então neste capítulo uma pesquisa qualitativa que se detém a duas fontes de grande alcance e com públicos diferenciados. Os métodos utilizados para isso foram a princípio um estudo documental, visando os artigos de jornal e áudios de rádio, e posteriormente utilizamos uma ferramenta de pesquisa que pode ser entendido como um estudo de caso, quando analisarmos as falas de uma vítima direta do racismo e da xenofobia presentes na mídia cearense.

3.3.1 Xenofobia e racismo na mídia online

Analisaremos primeiro aqui o artigo apresentado no Jornal o povo, onde é possível compreender de forma clara que a xenofobia está presente na sociedade brasileira, ainda que essa seja tida como, altamente receptiva, mas como já citado temos que atentar ao fator de que a sociedade brasileira é mais receptiva quando se trata de pessoas advindas dos Estados Unidos ou de países da Europa. É importante citar aqui a forma como o continente africano é apresentado no principal grupo midiático brasileiro, ao qual temos como referência a Rede Globo, onde é comum o continente africano ser apresentado como um local assolado por pobreza e por doenças, o que alimenta em alguns

setores da sociedade a xenofobia e o racismo, que são por vezes mascarados e por vezes são escancarados na mídia.

É o caso de um artigo publicado na plataforma digital⁷ do jornal local *O povo*, que nos traz em pleno ano de 2016 uma amostra de que estamos longe de ter um país que aceita a todos (ideia difundida no Brasil), pois no texto intitulado “Chico da Matilde”⁸ do professor Pedro Henrique Saraiva Leão é nítida a reprodução do discurso racista e xenófobo que atribui os males do mundo ao continente africano, no caso as doenças infecciosas presentes no Brasil, começando por inferir que;

Na primeira metade do século XVIII, no Brasil, o português Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal (1699-1782), proibiu a escravidão dos nossos índios, motivando a importação de africanos. Este tráfico floresceu em 1518 e implicou a exportação para nossas praias de diversas doenças também passageiras dos navios negreiros.

Inicialmente notamos uma interpretação rasa sobre o processo de que levou os portugueses a escravizar e arrancar os povos do continente africano e trazer para as terras brasileiras, pois, há muitas questões econômicas que envolvem o tráfico negreiro, nesse sentido a palavra importação coloca os povos africanos novamente como mercadoria, como era feito no período escravocrata, ideia que se busca desconstruir na atualidade. Prosseguindo Saraiva Leão, coloca que os povos africanos que foram trazidos para cá trouxeram consigo diversas doenças, discurso que vai no sentido de atribuir aquilo que é ruim ao outro. Em um outro Ponto Saraiva Leão afirma que;

Há quase 13 (treze!) anos as tentativas governamentais de cubanização deste país não escondem o registro atual de 300 mil casos brasileiros de malária por ano. A lepra, ou hanseníase (1874), oriunda da África Oriental (Egito) – ali já mencionada em 1350 a.C. – vitimou 31.560 conterrâneos em 2014. Embora desarraigada em países sérios, neste sua incidência mundial só é inferior à da Índia. O Brasil continua sendo – nos últimos 13 anos – o mesmo “sanatório geral”, ou “um vasto hospital” como preconizou Miguel Pereira, (“À margem da Medicina”) em 1922. (Grifos do autor)

Podemos notar mais uma forte marca da Xenofobia na palavra cubanização que se refere a vinda de cubanos para o Brasil, colocada no discurso de Saraiva Leão como se estes fossem um mal para a nossa sociedade. É evidenciado nesse trecho a sua tentativa de associar os casos de epidemias no continente africano aos casos no Brasil. Saraiva Leão coloca ainda que os “países sérios” já erradicaram essas epidemias, no entanto o

⁷ O Povo Online: <http://www.opovo.com.br/>

⁸ <http://www.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2016/03/02/noticiasjornalopiniao,3582170/chico-da-matilde.shtml>

Brasil seria ainda um “sanatório geral” por culpa dos 13 anos em que o Partido dos Trabalhadores (PT) esteve na presidência do Brasil, mostrando assim que sua fala tem também um viés político, que busca atribuir os problemas da nossa sociedade ao governo do PT.

O pensamento racista difundido por Saraiva Leão não é isolado, pois, ao observar o cotidiano do município de Redenção, na mesma época, foi possível notar que os redencionistas apresentavam enorme preocupação em relação ao contato com estudantes do continente africano em especial os estudantes de Guiné Bissau, com base em informações repassadas pela mídia sobre um grande número de casos de Ebola na Guiné Equatorial, por achar que se tratava do mesmo país, era temida a vinda de novos estudantes guineenses e os que aqui residem em Redenção sentiam na pele, a discriminação da população local, potencializada pela ideia de que os estudantes estariam portando uma doença contagiosa.

O autor do referido artigo supõe que várias epidemias que assolaram o mundo em séculos anteriores e no atual, como provenientes do continente africano, alimentando assim uma ideia completamente racista e xenófoba, que uma vez levada a sociedade por uma mídia de grande alcance, é tomada como verdade e esse discurso é propagado pelas conversas do dia-a-dia e em redes sociais.

Na conclusão do artigo é colocada a seguinte questão “Seria uma vingança africana pela escravização de seus filhos? ”, uma pergunta que deixa aberta interpretação de que as doenças seriam um mal espalhado pela população do continente africano como algo intencional. Em resposta a essas declarações o Núcleo de Promoção da Igualdade Racial (NPIR) da Unilab, se posicionou afirmando que discursos como o publicado no jornal o povo:

Recordam que pseudoargumentos continuam a infestar os formadores de opinião, incitando o ódio, a deturpação histórica e o maniqueísmo. Em comum com o XIX há nele desumanização do outro, dos africanos e seus descendentes: de mercadoria e mão de obra escravizada a portadores de vírus e moléstias, o julgo racial permanece.

Como aponta o NPIR o que vemos no artigo do jornal o povo, é o discurso comum que faz uma associação direta do negro africano a escravidão, acrescentando a isso uma associação da população do continente africano, á várias moléstias que assolaram o mundo inteiro, apresentando supostos dados médicos para alimentar um

discurso racista e xenófobo, que só piora a nossa sociedade e que precisa ser combatido.

Para reforçar a ideia de que o discurso de Saraiva Leão apresenta marcas claras de racismo e xenofobia trazemos aqui também a resposta dada a esse artigo pelo Professor da Unilab Américo Souza⁹, por meio de um artigo¹⁰ publicado também na plataforma digital do *O povo* intitulado “Doença deles? Ignorância nossa” que busca desconstruir o discurso de Saraiva Leão. Em um dado momento Américo Souza enfatiza que;

Por ter feito vítimas fatais primeiramente e em maior número em países da África Ocidental, o ebola vem sendo difundido como “doença de africano”, “mal de negro”, servindo de reforço ao preconceito racial já tão arraigado entre nós.

E continua;

Acreditar que o ebola é uma “doença deles” só evidencia a força da nossa ignorância e abre caminhos para a geração de males ainda maiores. Refletir sobre tudo isso e compreender que a epidemia de ebola é um problema de todos nós e que o que deve ser combatido é a doença e não os povos onde ela se manifesta é, hoje, uma necessidade imperativa.

O professor Américo reafirma o problema do racismo no Brasil e aponta para o risco de se difundir o ebola como “doença de africano” e “mal de negro” pois esse tipo de preconceito, acaba por fazer com que as pessoas que não se entendam como negros, acreditem estar imunes, não se prevenindo da forma correta e fazendo com que a doença se espalhe ainda mais. Ele reforça ainda que temos que combater a doença ao invés de combater as pessoas, por meio de discursos racistas e xenófobos que manipulam dados para criar uma opinião que parte da sociedade, acarretar e conseqüentemente reproduzir essas falas.

3.3.2 Xenofobia e racismo na mídia radiofônica

Como segunda referência acerca do racismo e da xenofobia na mídia analisamos as falas do Jornalista Donizete Arruda¹¹, onde podemos notar fortes marcas da xenofobia

⁹ Robério Américo do Carmo Souza, Professor de História na Unilab e Membro do conselho de leitores de O povo

¹⁰ <http://www.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2014/10/25/noticiasjornalopiniao,3337052/doenca-deles-ignorancia-nossa.shtml>

¹¹ Comentarista político do quadro conexão Brasília-Ceará, no programa Ceará News 7, da emissora de

e do racismo que se encontram enraizadas em nossa sociedade e por vezes perpassam as relações do dia-a-dia de forma que, o olhar viciado na sociedade que se diz de todos, não perceba o efeito causado por essas mazelas, e reproduza esse discurso preconceituoso.

O discurso de Donizete Arruda em julho de 2016, tenta de forma equivocada relacionar os estudantes internacionais da Unilab aos terroristas do Estado Islâmico, utilizando-se de uma suposta ligação a partir da religião Mulçumana, o que nos mostra, uma ignorância, e um preconceito, exacerbados que são levados a milhares de ouvintes como uma verdade.

Em uma de suas falas Donizete, ao relatar a denúncia de que há indivíduos suspeitos de ligação com o Estado islâmico no Brasil, cita que não podemos esquecer que “nós temos uma universidade (Unilab) onde estrangeiros estão aqui, e tem vínculo com uma das regiões onde o Estado Islâmico atua, mais firmemente por conta da religião mulçumana na África”, esse suposto argumento que busca relacionar o terrorismo a religião Mulçumana é generalizador e de profunda estigmatização, que ao ser proferido por alguém que está em um local de poder, leva uma parte da população a crer que nessa falácia. Continuando com sua fala o jornalista nos diz que:

“nós tamo monitorando a Unilab? Tem algum estudante lá? Os estudantes brasileiros, os jovens brasileiros, tão ligando pro estado islâmico pedindo com fazer atentado, num já basta os problemas que nós já temos no Brasil não? [...] esses estudantes passam dificuldades, fome aí vão pra África, o estado islâmico quer na África que ele faz atrai seu exército aí esses jovens vão lá vem pra cá jovens que estupraram na redenção, tem estudante que acha natural estuprar a colega, mais Donizete? Acha natural amigo, a África é assim, a gente tem que explicar a eles que a lei aqui é outra”

Nessa parte do discurso são perceptíveis outras marcas do preconceito, iniciando por afirmar a necessidade de se monitorar os estudantes internacionais, sem apresentar nenhuma ligação dos alunos com qualquer atividade suspeita de terrorismo, Donizete segue sua fala, questionando se não já temos problemas de mais no Brasil, colocando os estudantes como um problema, pois segundo o mesmo esses seriam de fácil cooptação por parte do Estado Islâmico, por conta de necessidades econômicas, mostrando assim mais uma ideia estigmatizada de que no continente africano só existe pobreza, além disso apresenta uma visão simplista, que não compreende os motivos para a existência e propagação do Estado Islâmico. O jornalista traz ainda um pseudo-argumento que

procura ligar o terrorismo a casos de estupro envolvendo estudantes internacionais, investigados na época, utilizando mais uma vez da generalização, inferindo desastrosamente que no continente africano seria comum o estupro, ideia que se assemelha ao conceito *atavismo*, conceito bastante rebatido por estudiosos das teorias raciais. A ideia de uma consciência *atávica* como elemento constituinte do psicológico do homem negro foi criada no século XIX por Cesare Lombroso¹², que através desse conceito defendia a ideia de que o negro tinha deficiências de comportamento, isso devido ao fato de que o negro se aproximaria nesse aspecto de uma espécie anterior ao homo sapiens na teoria da evolução de Darwin. Esse “acesso” a um estado psicológico anterior, expresso na consciência atávica, era na visão dos evolucionistas uma prova de que o negro ainda estava em um estado inferior na “hierarquia das raças”.

Com esses discursos Racistas e Xenófobos aparecendo na mídia de forma tão explícitas, a Unilab se posicionou contra, por meio de nota, e vários alunos da instituição repudiaram o discurso de Donizete Arruda nas redes sociais. Na nota emitida pela Unilab em relação ao discurso de Donizete é posto que:

O radialista, em seu malabarismo ilógico dos fatos, tenta atrelar os estudantes africanos da Unilab ao Estado Islâmico, partindo de uma notícia publicada em nível nacional sobre operação antiterror da Polícia Federal, em que se apontam **brasileiros** envolvidos em ações de terrorismo. (UNILAB, 2016, grifos do autor)

O radialista, após essa reposta volta a se pronunciar sobre o caso, mais uma vez com um discurso preconceituoso que propõe que seja necessária uma espécie de monitoramento dos estudantes internacionais da Unilab para que estes não se tornem Membros do Estado Islâmico, fazendo uma estranha relação dos estudantes com um cearense, suspeito de fazer parte de um grupo que atuaria no Brasil em nome do Estado Islâmico, para ações de terrorismo, esta é então mais uma tentativa de legitimar, o seu preconceito e xenofobia do jornalista por meio de um discurso que visa incitar o ódio aos estudantes internacionais da Unilab.

Como já foi citado houveram comentários de alguns estudantes da Unilab em relação ao discurso de Donizete Arruda, no entanto, em programas subsequentes ele se atem a apenas uma dessas repostas, a da estudante Cabo-verdiana de Administração

¹² Cesare Lombroso (1835-1909), Criminologista italiano, pesquisava principalmente a relação entre as características do corpo e da mente.

Pública Carmen Ariana, que comenta em uma rede social que o discurso do jornalista é marcado por “racismo, generalização e altos níveis de xenofobia” e que “Ele foi preconceituoso não só com os africanos mas também com os mulçumanos”, após esse comentário o nome da estudante é citado inúmeras vezes por Donizete, como quando diz que, se a estudante não gostou de seu discurso e das condições (monitoramento que segundo o mesmo deveria ser imposto aos estudante internacionais) ela que vá embora.

Donizete continua então seu discurso questionando se Carmen é simpatizante do Estado Islâmico, algo que volta a acontecer em outras edições do programa, quando o jornalista fala, “Carmen você admira o estado islâmico? Seja claro por que nos seus bares e nos seus porres você diz que sim”, e depois volta a afrontar a estudante, “já chamei ela (Carmen) aqui, traz ela aqui, Luciano¹³ pra ela me esculhambar, [Luciano – trago...] vem nada aquela covarde”, aqui o jornalista, nos dois trechos busca deslegitimar a postura da estudante, de uma forma semelhante a que faz com o então vice-reitor da Unilab, inferindo que ambos em suas conversas com amigos, em ambiente de descontração apoiam os terroristas, e também infere que estes são covardes por não entrarem na discussão (tendenciosa) que Donizete propõe. Nesse mesmo dia o Jornalista cita que:

aí dizem que eu sou racista, casado com uma nega, como é que eu sou racista? Há 22 anos. Eu queria saber racis, nega né que ra, né que odeia nego né [racista não é quem odeia negro não é?] cê me empresta uma tinta aí? Professor Aristeu pra pintar minha mulher de branco todo dia? Como é que eu faço? Minha mulher é nega, baiana, eu casei errado foi? Como é que eu fiz aí? E essa Carmen diz que eu sou, odeio, tenho raiva de quem é doto país eu sou uma mistura de índio, cafussu, índio, branco, nego, caboco, judeu novo, cristão novo, mameluco.

Aqui Donizete mostra mais uma vez um discurso comumente racista, que busca negar sua condição por conta de uma aproximação com uma pessoa negra, o que foi abordado aqui no capítulo anterior, como uma das formas de camuflar o racismo. O jornalista utiliza também a miscigenação brasileira para dizer que não é xenófobo, no entanto, assim como a miscigenação não impede o racismo brasileiro ela também não impede a xenofobia.

Em uma outra edição Donizete volta a acusar a estudante, e profere um discurso de ódio, falando:

Dona Carmen Ariana, está sob vigilância da Policia Federal, por que todo santo

¹³ Luciano Augusto apresentador do programa Ceará News 7, da emissora de rádio cearense Plus FM.

dia eu vou falar no seu nome, Carmen Ariana de Timor Leste admira o Estado Islâmico, é legítima é, pra mim não, é legítima ela admirar, no quinto dos infernos, não em Redenção, pra cooptar gente.

Nesse discurso Donizete Arruda começa pela suposição de que sua fala levaria a polícia federal a vigiar a estudante, observamos aqui que em nenhum momento (baseado em todas as falas citadas e não citadas nesse trabalho) ele mostra um motivo coerente para que Carmen seja monitorada. Logo após, ele faz uma confusão com a nacionalidade da estudante de Cabo Verde, citando que ela é do Timor Leste, que vai no sentido de provocar a estudante a responder a seus comentários de alguma forma e assim continuar disseminando seus preconceitos. Depois Donizete cita um discurso de ódio supondo que Carmen estaria cooptando pessoas para se juntarem ao Estado Islâmico e que ela deveria ir fazer isso no inferno. Observamos ainda em um outro programa que Donizete diz, “a Carmen Ariana, que não quer ir embora, mas devia ir embora, recebeu as passagens pra ir embora”, mostrando seu desejo de que Carmen retorne ao seu país, nessa última fala o jornalista completa seu discurso racista e xenófobo pedindo que Carmen vá embora, discurso onde o indivíduo racista não quer a presença do outro.

Então na semana seguinte Donizete para de citar o nome de Carmen, sobre isso, em entrevista ela fala que “ele até parou de falar meu nome por que ele foi notificado que ele tinha que parar de falar meu nome por que se não ele ia pagar uma multa”, processo ao qual não podemos detalhar por correr em segredo de justiça.

Essa ação do processo foi necessária segundo a estudante por medo do que poderia vir a acontecer com ela por conta de que Donizete afirmava quase que diariamente no programa de rádio que Carmen teria vínculo com o estado islâmico. Podemos compreender melhor essa questão, onde Carmen por meio de entrevista fala que;

Chegou pessoa pra mim dentro da Unilab perguntando se eu era mulçumana, eu não sei por que que a pessoa chegou logo perguntando por que que eu era mulçumana, mas Carmen você é mulçumana? Não, não sou mulçumana, eu sou, eu sou católica, mas por que que ele pensou que você era terrorista? Eu não sei, meus vizinhos perguntando é de você que eles estão falando na rádio? É, mas Carmen você tem ligação com esse povo aí? Eu. Não, eu não tenho ligação nenhuma com esse povo, nenhuma mesmo, então teve, teve muito e não foi uma, não foi duas, teve várias pessoas no decorrer daquela semana, parecia que todo assunto que a pessoa tinha comigo, envolvia Donizete Arruda, envolvia essa questão de eu ser ou não mulçumana, de eu ser ou não fã do estado islâmico, por que todo mundo perguntava isso.

Nesse trecho a estudante aponta que era abordada dentro e fora da universidade de forma frequente com perguntas relacionadas a sua religiosidade e ao estado islâmico,

o que mostra a força do discurso de Donizete, e que ele conseguiu atingir variados públicos que a certo ponto aceitaram aquilo que o jornalista estava dizendo, por conta de sua posição social.

Levando em consideração esses aspectos, percebemos o quão a mídia interfere no meio social e o risco que é gerado por conta da disseminação do racismo e da xenofobia de forma explícita, ainda que bastante negada. Percebemos também a importância da instituição Unilab e de seus professores na missão de combater esses estigmas presentes em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, entende-se que é preciso problematizar constantemente alguns aspectos da nossa sociedade, pensando as marcas que a escravidão deixou no Brasil, demonstrando como o racismo e a xenofobia estão presentes em nossa sociedade de forma camuflada, mas que não se torna menos destrutiva por conta disso, e também como a mídia exerce influência sobre o modo de pensar de cada um em meio a sociedade. Por conta disso faz se necessário um olhar atento a cerce da formação de opiniões preconceituosas por meio do discurso midiático.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei federal nº 3.353. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM3353.htm Acesso, 04 de dez. De 2015

BRASIL. Lei federal nº 7.716. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm Acesso 12 de jul. De 2015

BRASIL. Lei federal nº 12.289. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm. Acesso 22 de nov. De 2016

CAMINHA, Raquel. **A Cultura Negra e o Ceará: Uma Relação a Ser Descoberta**, in; Governo do Estado do Ceará, *Africania e Cearensidade: Catálogo Histórico e Memorial da Liberdade*. – Fortaleza: Instituto Olhar Aprendiz, 2011. P. 27-30.

CAXILÉ, Carlos Rafael Vieira. **Abolição no Ceará**, in; *Negros no Ceará: História, Memória e Etnicidade*. / Cristina Rodrigues Holanda [Org.].- Fortaleza: Museu do Ceará/ Secult/ Imopec. 2009. 240p

CRUZ, Marcio. **A mídia e os formadores de opinião no processo democrático**. Ponto-e-Vírgula. Revista de Ciências Sociais. ISSN 1982-4807. P. 35-51. 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/13918/10242> Acesso 22 de nov. De 2016

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**; apresentação de Lilia Moritz Schwarcz - 2. Ed. revista - São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA SOBRINHO, José Hilário. **Cultura popular e as culturas afrodescendentes**, in; *Negros no Ceará: história, memória e etnicidade*. Cristina Rodrigues Holanda [organizadora]. – Fortaleza: Museu do Ceará /Secult / Imopec, 2009.

GALVÃO, Roberto. **O Museu Como Lugar de Educação**, in; Governo do Estado do Ceará, *Africania e Cearensidade: Catálogo Histórico e Memorial da Liberdade*. – Fortaleza: Instituto Olhar Aprendiz, 2011. P. 11-17.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes Raças e Democracia**. – São Paulo: Fundação de apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002. 232 p.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. – São Paulo: Cortez, 2008.- (Preconceitos; v. 6)

GUIMARÃES, Maristela Abadia. **Migração haitiana para o Brasil: Quando muda a paisagem racial w o “eu” e o “outro” se confrontam nas mídias e redes sociais digitais**. XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS– SEPECH Humanidades, Estado e desafios didático--- científicos Londrina, 27 a 29 de Jul. de 2016

MENDES, Pedro Vítor Gadelha. **Racismo no Ceará: Herança colonial, trajetórias contemporâneas** – Fortaleza

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: usos e sentidos** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – (coleção Cultura Negra e Identidades)

MUNANGA, Kabenguele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**, In; BRANDÃO, André Augusto P. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira- Niterói: EdUFF, p. 15-34, 2000.

Negros no Ceará: história, memória e etnicidade. / Cristina Rodrigues Holanda[org.] Fortaleza: Museu do Ceará/ Secult/ Imopec, 2009. 240p.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem:**

sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, p.287-308, 2006. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v191/v19n1a15.pdf>

Acesso 12 de jul. De 2015

SILVA, Francisco Rodrigues da. **Redenção - Palco dos primeiros abolicionistas do Brasil, Berço da Educadora dos redencionistas – Maria Helena Russo**, 2004. Sobral: Ed. Uva. 138p.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil** – Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUSA, Teresinha de Lisiê Freire de. **Redenção e o Memorial da Liberdade**, in; Governo do Estado do Ceará, Africana e Cearensidade: Catálogo Histórico e Memorial

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil** – São Paulo: Publifolha, 2010. – (Folha explica).